

Harlan Coben

60 milhões de livros vendidos no mundo

UM PASSO EM FALSO

Um segredo que alguns vão guardar até a morte
– e outros vão matar para descobrir



Uma história de MYRON BOLITAR



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

*Em memória de meus pais, Corky e Carl Coben,
e em homenagem a seus netos,
Charlotte, Aleksander, Benjamin e Gabrielle*

prólogo

15 de setembro

○ CEMITÉRIO DAVA PARA O PÁTIO de uma escola.

Myron raspava a terra com a ponta do sapato. Ainda não havia pedras, apenas uma placa de metal com um nome em letras maiúsculas. Ele balançou a cabeça. Por que estava ali? Imaginou-se em um seriado de quinta categoria e uma cena começou a se desenrolar em sua mente. A chuva torrencial martelaria suas costas, mas ele estaria desolado demais para se importar. Sua cabeça estaria abaixada, lágrimas brilhando em seus olhos, quem sabe uma rolaria pelo rosto, misturando-se com as gotas de chuva. Seria a deixa para uma música tocante. A câmera se afastaria bem devagar, mostrando os ombros curvados, a chuva aumentando de intensidade, mais túmulos, o resto do cemitério vazio. Por fim, apareceria Win, o fiel companheiro de Myron, parado a distância, deixando-o sofrer sozinho. A imagem congelaria e o nome do produtor executivo irromperia na tela com grandes letras amarelas. Depois de um tempo, uma voz instigaria os espectadores a assistir ao episódio da semana seguinte. E haveria o corte para os comerciais.

Porém, aquilo não iria acontecer. O sol brilhava como se aquele fosse o primeiro dia da Criação e o céu era de um azul cristalino. Win estava no escritório. E Myron não iria chorar.

Então por que estava ali?

Porque um assassino logo iria chegar. Ele tinha certeza.

Myron procurou algum sentido na paisagem, mas só lhe vieram à cabeça mais clichês. Já haviam passado duas semanas desde o funeral. Ervas daninhas e dentes-de-leão tinham começado a brotar da terra, erguendo-se em direção ao céu. Myron esperou que sua voz interior, que se ouvia em off, começasse a falar lugares-comuns como o simbolismo do crescimento das plantas, representando ciclos, renovação, a vida que continua, mas felizmente ela permaneceu calada. Ele buscou ironia na radiante inocência do pátio da escola – o giz apagado no asfalto preto, os velocípedes multicoloridos, as correntes dos balanços ligeiramente enferrujadas –, envolto nas

sombras das pedras tumulares que observavam as crianças como sentinelas silenciosas, pacientes e quase convidativas. Mas não havia nada de irônico ali. Pátios de escolas não tinham nada a ver com inocência. Lá existiam também valentões, psicóticos em gestação e jovens mentes cheias de ódio.

Tudo bem, pensou Myron, chega de baboseiras por hoje.

Myron sabia que aquele diálogo interno não passava de mera distração, um truque, para evitar que sua mente frágil se partisse como um galho seco. Ele queria desmoronar, deixar suas pernas cederem, cair no chão e raspar a terra com as mãos, pedir perdão e implorar a uma força superior que lhe desse mais uma chance.

Porém, isso também não iria acontecer.

Myron ouviu passos se aproximando, vindo por trás dele. Fechou os olhos. Estava acontecendo como tinha esperado. O som ficou ainda mais próximo. Quando se fez silêncio, Myron não virou.

– Você a matou – disse Myron.

– Sim.

Myron sentiu um frio na barriga.

– Você se sente melhor agora?

A inflexão de voz do assassino provocou calafrios em Myron:

– A pergunta é: Myron, *voce* se sente melhor agora?

capítulo 1

30 de agosto

— **EU NÃO SOU BABÁ** – disse Myron, mastigando as palavras, com os ombros curvados. – Sou um agente esportivo.

Norm Zuckerman pareceu penalizado.

– Você está tentando imitar o Drácula de Bela Lugosi?

– Não, o Homem Elefante. Lembra que ele fala “Eu não sou um animal! Eu sou um ser humano! Eu... sou... um homem!”?

– Mais ou menos. Mas quem falou em babá? Eu disse *babá* ou *cuidar de bebês* ou algo relacionado, como *bebê*, *cuidar*, *tomar conta*...

Myron ergueu a mão.

– Já entendi, Norm.

Os dois estavam sentados sob uma cesta de basquete no Madison Square Garden, em cadeiras de diretor de cinema. Elas eram tão altas que a rede quase roçava os cabelos de Myron. No meio da quadra, modelos participavam de uma sessão de fotos. Um monte de rebatedores, flashes e tripés, mulheres altas e magras se exibindo com crianças. Myron esperou que alguém o confundisse com um modelo. Esperou por um bom tempo.

– Uma jovem pode estar em perigo – explicou Zuckerman. – E eu preciso de sua ajuda.

Norm Zuckerman tinha quase 70 anos e, por ser proprietário da Zoom – um gigantesco conglomerado de artigos esportivos –, tinha mais dinheiro que Donald Trump. Contudo, mais parecia um beatnik numa viagem de ácido. Zuckerman explicara que ser retrô estava na moda e ele tentava se manter na crista da onda usando um poncho psicodélico, uma calça desbotada, um colar de contas pequenas e um brinco no formato do símbolo hippie da paz. Supimpa. Barba preta tendendo ao grisalho, desgredada o bastante para aninhar larvas de insetos. Cabelos recém-frisados, lembrando o ator de um musical gospel de baixa qualidade.

Che Guevara vive e faz permanente.

– Você não precisa de mim – afirmou Myron. – Precisa de um guarda-costas.

Zuckerman fez um gesto de desdém.

– Óbvio demais.

– Por quê?

– Ela nunca toparia. Escute, Myron, o que você sabe sobre Brenda Slaughter?

– Não muito.

Zuckerman pareceu surpreso.

– O que você quer dizer com “não muito”?

– Qual palavra você não entendeu, Norm?

– Pelo amor de Deus, você foi jogador de basquete.

– E daí?

– Brenda Slaughter talvez seja a maior jogadora de todos os tempos.

Além de pin-up da minha nova liga.

– Isso eu sei.

– Bem, estou preocupado com ela. Se acontecer alguma coisa com Brenda Slaughter, toda a Associação de Basquete Profissional Feminino e boa parte de meus investimentos irão por água abaixo.

– Ah, que bom, tudo por razões humanitárias.

– Ótimo, eu sou um porco capitalista ganancioso. Mas você, meu amigo, é um agente esportivo. Não existe profissão mais gananciosa, vulgar, mesquinha do que essa.

Myron assentiu e disse:

– Pode puxar meu saco. Assim funciona.

– Ainda não terminei. Você é um agente esportivo, mas não um qualquer. Você é excelente. Na verdade, é o melhor. Você e a espanhola fazem um trabalho incrível. Conseguem o melhor para os clientes. Até mais do que eles deveriam ter, na verdade. Na época em que você rompeu comigo, me senti violentado. Juro por Deus, você é bom a esse ponto. Entrou em meu escritório, tirou minhas roupas e fodeu comigo.

Myron fez uma careta.

– Por favor...

– Mas eu sei de seus arranjos com os federais.

Grande segredo. Myron ainda esperava encontrar alguém que não tivesse conhecimento daquilo.

– Só quero que você me escute por um segundo, está bem, Myron? Ouça o que tenho a dizer. Brenda é uma jovem encantadora, uma jogadora maravilhosa... e uma pedra no meu sapato. Não a culpo. Se eu tivesse sido criado por um pai como o dela, também seria assim.

– Então o problema é o pai?

Zuckerman fez um aceno evasivo.

– Provavelmente.

– Consiga uma ordem de restrição – recomendou Myron.

– Já consegui.

– Qual é a complicação? Contrate um detetive particular. Se ele ficar a menos de 100 metros dela, chame a polícia.

– Não é tão simples assim – replicou Zuckerman, contemplando a quadra.

As pessoas se deslocavam freneticamente de um lado para outro. Myron bebericou o café. Até um ano atrás, ele não o tomava. Então, começou a frequentar uma das novas cafeterias que pipocavam feito filme ruim nos canais a cabo. Agora não conseguia passar a manhã sem seu café gourmet.

Há uma linha tênue entre cafeína e drogas.

– Não sabemos onde ele está – disse Zuckerman.

– Ahn?

– O pai dela. Ele sumiu. Brenda fica o tempo todo olhando por cima do ombro. Ela está apavorada.

– E você acha que o pai é uma ameaça para ela?

– O cara é um grosseirão. Ele também jogava basquete. O nome dele é...

– Horace Slaughter – completou Myron.

– Você o conhece?

Myron aquiesceu bem lentamente.

– Sim, conheço.

Zuckerman perscrutou o rosto de Myron.

– Você é muito jovem para ter jogado com ele.

Myron ficou em silêncio. Zuckerman não percebeu a deixa. Aliás, ele raramente percebia.

– Como você conhece Horace Slaughter?

– Deixe pra lá – tranquilizou Myron. – Me explique por que você acha que Brenda está em perigo.

– Ela tem recebido ameaças.

– Que tipo de ameaças?

– De morte.

– Você pode dar mais detalhes?

O frenesi da sessão de fotos continuava. Modelos com os últimos lançamentos da Zoom desfilavam fazendo caras e bocas, em inúmeras poses.

“Venha e entre na moda!” Alguém gritou por Ted. Onde diabo se enfiou Ted, essa estrelinha,? Por que Ted ainda não se vestiu? Ted ainda vai me matar, pode ter certeza.

– Brenda recebe telefonemas – explicou Zuckerman. – Um carro a segue. Esse tipo de coisa.

– E o que exatamente você quer que eu faça?

– Quero que você a vigie.

Myron balançou a cabeça.

– Mesmo que eu aceite... e eu não vou aceitar... você mesmo disse que ela não toparia ter um guarda-costas.

Zuckerman sorriu e deu um tapinha no joelho de Myron.

– Agora é o momento em que eu fisgo você. Como um peixe num anzol.

– Uma analogia bastante original.

– Brenda Slaughter está sem agente.

Myron ficou calado.

– O gato comeu sua língua, bonito? – ironizou Zuckerman

– Achei que Brenda tinha assinado um grande contrato com a Zoom.

– Ela estava prestes a fazer isso, quando o pai desapareceu. Ele é que era seu agente. Mas ela o dispensou. Agora está sozinha. Ela confia em minha opinião, até certo ponto. A garota não é nada boba, pode acreditar. Portanto, eis o meu plano: Brenda estará aqui em alguns minutos, eu vou indicá-lo para ser o agente dela. Ela diz “Olá”. Você diz “Olá”. Então você a ataca com o famoso charme Bolitar.

Myron arqueou uma sobrancelha.

– Um ataque com todo o poder de munição?

– Pelo amor de Deus, não. Não quero que a moça tire a roupa.

– Prometi a mim mesmo usar meus poderes só para o bem.

– Esse é o caso, Myron, acredite.

Myron permanecia cético.

– Mesmo que eu concorde em embarcar nesse esquema maluco, por que não fazer isso só à noite? Você espera que eu a vigie 24 horas por dia?

– Claro que não. Win o ajudará nessa tarefa.

– Win tem mais o que fazer.

– Diga ao garotão que é por minha causa – disse Zuckerman. – Ele gosta de mim.

Um fotógrafo agitado dirigiu-se apressadamente até eles. Tinha cavanhaque e cabelos loiros espetados e parecia não tomar banho fazia um tempo.

Bufava o tempo todo, para que as pessoas em volta soubessem que ele era importante e estava incomodado.

– Onde está Brenda? – perguntou em tom choroso.

– Aqui.

Myron voltou-se na direção da voz e viu Brenda surgindo, a passos largos e resolutos. Ela com certeza tinha mais de 1,80 metro, a pele da cor do café Mocha Java de Myron, com um leve toque de leite desnatado. Usava um suéter de esqui e um jeans desbotado que deixava à mostra suas deliciosas curvas, mas sem obscenidade.

Myron fez um esforço para não exclamar “Uau!” bem alto.

Brenda podia ser descrita mais como uma pessoa eletrizante que como uma beldade. O ar em volta dela crepitava. Era muito alta e tinha ombros largos demais para ser manequim. Myron conhecia algumas modelos profissionais, que eram ridiculamente magras e sempre se jogavam em cima dele com risadinhas. Brenda transmitia solidez, poder e, ainda assim, era feminina, seja lá o que isso signifique, e bastante atraente.

Zuckerman se inclinou e sussurrou:

– Entendeu por que ela é nossa pin-up?

Myron anuiu.

Zuckerman desceu da cadeira de um salto.

– Brenda, querida, venha aqui. Quero lhe apresentar uma pessoa.

Seus grandes olhos castanhos encontraram os de Myron e houve um momento de hesitação. Ela deu um sorrisinho e andou até eles. Myron levantou-se, o cavalheiro de sempre. Brenda foi em sua direção e os dois se cumprimentaram. O aperto de mão dela era vigoroso. Agora que ambos estavam de pé, Myron percebeu que era no máximo 5 centímetros mais alto que ela.

– Ora, ora – falou Brenda. – Myron Bolitar.

– Vocês se conhecem? – perguntou Zuckerman.

– Ah, tenho certeza de que o Sr. Bolitar não se lembra de mim – afirmou Brenda. – Faz muito tempo.

Myron precisou de apenas alguns segundos para se dar conta de que o encontro anterior se dera em circunstâncias muito diferentes.

– Você estava perto da quadra – disse ele. – Com seu pai. Devia ter 5 ou 6 anos.

– E você estava acabando de entrar no ensino médio – acrescentou ela.

– O único cara confiante. Você foi o que mais se destacou no Livingston

High, se tornou um dos melhores dos Estados Unidos, foi contratado pelo Celtics logo no primeiro turno...

Sua voz era melodiosa e Myron a adorava.

– Fico lisonjeado que você se lembre – agradeceu ele, já atraindo-a com seu charme.

– Eu cresci vendo você jogar. Meu pai acompanhou sua carreira como se você fosse filho dele. Quando você se machucou... – Ela se interrompeu, contraindo os lábios.

Myron sorriu para indicar que não só entendera como apreciara o sentimento dela.

Zuckerman aproveitou o silêncio para meter o bedelho.

– Bem, Myron agora é agente esportivo. E, aliás, um baita agente. O melhor, em minha opinião. Correto, honesto, fiel como o diabo... – Zuckerman parou de repente. – Estou usando essas palavras para qualificar um agente?

– Ele balançou a cabeça.

O fotógrafo de cavanhaque reapareceu alvoroçado. Ele falava com um sotaque francês tão autêntico quanto o do gambá Pepe LePew.

– *Monsieur* Zuckerman?

– *Oui.*

– Preciso de sua ajuda, *s'il vous plaît.*

– *Oui.*

Myron quase pediu um intérprete.

– Sentem-se vocês dois – pediu Zuckerman, dando um tapinha na cadeira vazia. – Tenho que sair. Myron vai me ajudar a organizar a liga. Ele é uma espécie de consultor. Então, converse com ele, Brenda. Sobre sua carreira, seu futuro, qualquer coisa. Ele seria um bom agente para você. – Ele piscou para Myron.

Muita sutileza.

Quando Zuckerman se afastou, Brenda alçou-se a uma das cadeiras.

– Quer dizer que era tudo verdade? – perguntou.

– Em parte.

– Que parte?

– Eu gostaria de ser seu agente. Mas não é por isso que estou aqui.

– Sério?

– Norm está preocupado. Ele quer que eu fique de olho em você.

– Ficar de olho?

Myron assentiu.

– Ele acha que você está em perigo.

Ela levantou o queixo.

– Eu disse a ele que não queria ser vigiada.

– Eu sei. Eu deveria agir às escondidas. Shh.

– Por que você está me contando isso?

– Não sou bom em guardar segredos.

Ela balançou a cabeça.

– E daí?

– Se eu vou ser seu agente, não acho que valha a pena começar o relacionamento com uma mentira.

Ela se recostou e cruzou as pernas, mais longas que a fila do banco na hora do almoço.

– O que mais Norm lhe disse para fazer?

– Usar meu charme.

Brenda pareceu confusa.

– Não se preocupe – tranquilizou-a Myron. – Fiz um juramento solene de só usá-lo para o bem.

– Que sorte a minha. – Brenda ficou batendo um dedo no queixo, pensativa. – Então Norm acha que eu preciso de babá.

Myron levantou as mãos espalmadas e fez sua melhor imitação de Zuckerman.

– Quem falou em babá?

A imitação foi ainda melhor que a do Homem Elefante.

Brenda sorriu.

– Tudo bem – concordou, aquiescendo. – Estou dentro.

– Sério?

– Ora, se eu não fizer isso, Zuckerman talvez contrate outra pessoa que não seja tão fácil de lidar. Dessa maneira, eu fico sabendo o que se passa.

– Faz sentido – disse Myron.

– Mas preciso impor algumas condições.

– Já imaginava.

– Eu faço o que quero, quando quero. Ninguém tem autorização para invadir minha privacidade.

– Claro.

– Se eu lhe pedir que suma por algum tempo, você só deve me perguntar por quanto tempo.

– Certo.

– E nada de ficar me espionando sem que eu saiba.
– Tudo bem.
– Você mantém distância de meus negócios.
– Combinado.
– Eu passo a noite inteira fora e você fica de bico calado.
– De bico calado.
– Se eu resolver participar de uma orgia com pigmeus, você fica de boca fechada.

– Posso pelo menos dar uma olhada? – perguntou Myron.

Ela sorriu.

– Não quero parecer difícil, mas há figuras paternas demais em minha vida, obrigada. Quero me certificar de que você não vai ficar grudado em mim 24 horas por dia. Não somos Whitney Houston e Kevin Costner.

– Algumas pessoas me acham parecido com Kevin Costner. – Myron deu um breve sorriso cínico e malicioso.

Ela o encarou.

– Talvez no princípio de calvície.

Essa doeu. Na quadra, o fotógrafo tornou a chamar Ted. Sua equipe fez o mesmo. O nome ecoou por toda parte.

– Quer dizer que chegamos a um acordo? – perguntou Brenda.

– Perfeitamente – respondeu Myron, se remexendo na cadeira. – Agora você pode me dizer o que está acontecendo?

Ted enfim apareceu. Usava apenas um short da Zoom e seu abdômen era bem definido. Era um modelo bonitão de 20 e poucos anos, que encarava tudo com os olhos apertados. Enquanto caminhava de forma espalhafatosa em direção à sessão de fotos, passava a mão pelos cabelos pretos, e esse movimento inflava-lhe o peito, estreitava-lhe os quadris e mostrava suas axilas depiladas.

– Olha o pavão – murmurou Brenda.

– Isso é totalmente injusto.

– Já trabalhei com ele. Deus se esqueceu de lhe dar um cérebro. – Ela olhou para Myron. – Eu não entendo.

– O quê?

– Por que você? Você é um agente esportivo. Por que Norm lhe pediu que fosse meu guarda-costas?

– Eu trabalhava... – Ele parou e fez um gesto vago com a mão. – Para o governo.

- Nunca ouvi falar disso.
- É outro segredo. Shh.
- Segredos não duram muito com você, Myron.
- Pode confiar em mim.

Brenda refletiu um pouco.

- Bem, você era um branco muito bom no basquete. Talvez seja mesmo um agente confiável.

Myron riu e os dois caíram num silêncio um tanto constrangedor. Ele o quebrou, tentando novamente fazê-la falar.

- Então, você quer me contar sobre as ameaças?
- Não há muito a dizer.
- É tudo coisa da cabeça de Norm?

Ela não respondeu. Um dos assistentes aplicou óleo no peito sem pelos de Ted, que continuava estreitando os olhos, fazendo cara de durão. Excesso de filmes de Clint Eastwood. Ted cerrou os punhos, contraindo os peitorais sem parar. Myron concluiu que já era hora de começar a odiar Ted.

Brenda continuava calada. Myron resolveu tentar uma nova abordagem.

- Onde você está morando agora? – perguntou ele.
- Num alojamento da Reston University.
- Você ainda estuda?
- Medicina. Quarto ano. Acabei de conseguir uma licença para jogar profissionalmente.

Myron assentiu.

- Tem alguma especialidade em mente?
- Pediatria.

Ele voltou a anuir e resolveu ir um pouco mais fundo.

- Seu pai deve ter muito orgulho de você.

Uma sombra perpassou o rosto dela.

- Sim, imagino que sim. – Ela fez menção de se levantar. – É melhor eu me vestir para a sessão de fotos.

- Você não quer me dizer antes o que está acontecendo?

Ela se manteve na cadeira.

- Meu pai está sumido.
- Desde quando?
- Há uma semana.
- Foi então que começaram as ameaças?

- Você quer ajudar? – indagou ela. – Descubra onde meu pai está.
 - É ele quem a está ameaçando?
 - Não se preocupe com as ameaças. Meu pai gosta de controlar os outros, Myron. A intimidação é só mais um dos recursos dele.
 - Não estou entendendo.
 - Você não precisa entender. Ele é seu amigo, certo?
 - Seu pai? Já faz mais de dez anos que não vejo Horace.
 - Quem é o culpado? – perguntou ela.
- As palavras amargas o surpreenderam.
- O que quer dizer com isso?
 - Você ainda se importa com ele?
- Myron não hesitou.
- Você sabe que sim.
- Ela balançou a cabeça e, de um salto, saiu da cadeira.
- Ele está numa enrascada – informou ela. – Descubra onde ele está.

capítulo 2

BRENDA REAPARECEU COM UM short de lycra da Zoom e o que normalmente chamavam de sutiã esportivo. Seu corpo era bem definido e os modelos profissionais a examinavam com atenção. Myron pensou que ela se destacava como uma ardente supernova em meio a, humm, entidades gasosas.

Brenda estava visivelmente constrangida com as posturas provocantes que precisava simular – ao contrário de Ted, que saracoteava e semicerrava os olhos, pretendendo parecer sexy. Por duas vezes, Brenda não se conteve e riu na cara dele. Myron ainda odiava Ted, mas começava a gostar de Brenda.

Myron pegou o celular e digitou o número particular de seu amigo Win, um consultor de altíssimo nível da Lock-Horne Seguros e Investimentos, uma corretora de valores herdada, que começou a vender ações para os colonos que criaram os Estados Unidos. Seu escritório ficava no edifício da empresa na esquina da Park Avenue com a Rua 47, na parte central de Manhattan. Nesse endereço, Myron alugava um espaço de Win.

Depois de três toques, a secretária eletrônica atendeu. “Desligue sem deixar nenhuma mensagem e morra”, disse a gravação com o tom irritantemente superior de Win. Bipe. Myron balançou a cabeça, sorriu e deixou o recado.

Ele ligou para o próprio escritório. Esperanza atendeu:

– MB Representações Esportivas.

O MB vinha de Myron Bolitar e *Representações Esportivas* era porque eles representavam esportistas. Myron inventara aquele nome sem auxílio de marqueteiros. Apesar de todas as honras, ele continuava humilde.

– Alguma mensagem? – perguntou ele.

– Um milhão, mais ou menos.

– Alguma coisa importante?

– Greenspan queria sua opinião sobre o aumento da taxa de juros. Fora isso, nada. – Esperanza, sempre engraçadinha. – Então, o que Norm queria?

Esperanza Diaz, a “espanhola”, nas palavras de Zuckerman, trabalhava na MB desde a fundação da empresa. Antes disso, batalhara profissionalmente sob o codinome de Pequena Pocahontas, se atracando com outras mulheres de biquíni diante de uma multidão que babava. Esperanza considerava a mudança para o agenciamento de atletas uma piora na carreira.

- Tem a ver com Brenda Slaughter – começou ele.
- A jogadora de basquete?
- Sim.
- Eu a vi jogar algumas vezes. Na TV, ela parece sexy.
- Pessoalmente também.

Houve uma pausa.

- Você acha que ela se envolve em casos de amor que não ousam dizer o nome?

- Ahn?
- Ela brinca com mulheres?
- Desculpe, esqueci de perguntar.

A orientação sexual de Esperanza mudava o tempo todo, como os posicionamentos de um político em ano não eleitoral. Agora ela estava na fase de ficar com homens, mas Myron achava que aquela era uma das vantagens da bissexualidade: amar todo mundo. Para ele, aquilo não tinha o menor problema. No ensino médio, namorara quase exclusivamente garotas bissexuais.

- Não importa – falou Esperanza. – Eu gosto de verdade de David. – David era o queridinho atual. Não ia durar muito. – Mas você há de convir que Brenda Slaughter é sexy.

- Concordo.
- Deve ser divertido por uma ou duas noites.

Myron balançou a cabeça. Outro homem evocaria imagens da pequena beldade hispânica nos estertores da paixão com a encantadora amazona negra. Mas não Myron. Muito mundano.

- Norm quer que nós a vigiemos – explicou ele, e lhe deu todas as informações.

Esperanza suspirou.

- O que foi?
- Meu Deus, Myron, somos agentes esportivos ou detetives particulares?
- É para conseguir clientes.
- Continue se iludindo.
- Como assim?
- Esqueça. Então, o que você quer que eu faça?

- O pai dela está desaparecido. O nome dele é Horace Slaughter. Veja o que pode descobrir sobre ele.

- Vou precisar de ajuda – exigiu ela.

Myron esfregou os olhos.

– Pensei que iríamos contratar alguém.

– Quem tem tempo?

Silêncio.

– Tudo bem – cedeu Myron, com um suspiro. – Chame Big Cyndi. Mas deixe bem claro que é apenas temporário.

– Ok.

– E se aparecer algum cliente, quero que Cyndi se esconda em minha sala.

– Certo, como quiser.

Ela desligou.

Quando a sessão de fotos terminou, Brenda aproximou-se dele.

– Onde seu pai está morando agora? – perguntou Myron.

– No mesmo lugar.

– Você foi lá depois que ele desapareceu?

– Não.

– Então vamos começar por lá.

capítulo 3

NEWARK, NOVA JERSEY. Na parte ruim. Como se houvesse uma boa.

Decadência era a primeira palavra que vinha à mente. Os edifícios estavam em petição de miséria: pareciam estar desabando ou sendo derretidos por algum ácido potente. Ali, a revitalização urbana era uma ideia tão comum quanto uma viagem no tempo. O ambiente lembrava um documentário mostrando as ruínas da guerra – Frankfurt depois do bombardeio dos Aliados –, e não um lugar habitável.

O bairro estava ainda pior do que ele se lembrava. Quando Myron era adolescente, ele e o pai andaram de carro por aquela mesma rua e as portas do veículo foram trancadas de repente, como se até elas sentissem a aproximação do perigo. O rosto do pai se crispara. “Isto aqui é uma privada”, resmungara ele. O pai crescera não muito longe dali, mas isso fora muito tempo atrás. O homem que Myron amava e venerava mais que qualquer um, a alma mais bondosa que ele conhecera, mal conseguia conter a raiva. “Olhe o que eles fizeram com o antigo bairro”, costumava dizer.

Olhe o que eles fizeram.

Eles.

O Ford Taurus de Myron passava devagar pelo velho parquinho. Pessoas lhe lançavam olhares duros. Algumas crianças jogavam basquete e outras estavam espalhadas pelas laterais, esperando a vez. Os tênis baratos da época de Myron tinham sido substituídos por um tipo bem mais caro, que aqueles garotos mal podiam comprar. Myron não se sentia bem. Ele gostaria de ter uma atitude nobre em relação àquela situação – falar da corrupção dos valores, do materialismo, coisa e tal –, mas, como era um agente esportivo que ganhava dinheiro com patrocínios em tênis, seria hipocrisia de sua parte.

Ninguém mais usava short também. Todos os meninos vestiam jeans azuis ou pretos, exageradamente largos, como calças de palhaço. A cintura da calça ficava abaixo da bunda, revelando cuecas boxer. Myron não queria dar uma de velho ranzinza, criticando o gosto da nova geração, mas aquelas roupas faziam as calças boca de sino e os saltos plataforma parecerem itens práticos. Como se pode dar o melhor quando é necessário parar o tempo todo para levantar a calça?

Porém, a maior mudança estava naqueles olhares. Myron ficara assustado ao ir ali pela primeira vez, ainda um estudante de 15 anos, mas logo descobriu que, se quisesse se aprimorar, teria que enfrentar a competição. O que significava jogar ali. A princípio, não foi bem recebido. Nem um pouco. Mas os olhares curiosos e hostis que recebera à época não eram nada em comparação com os olhares homicidas daqueles garotos. Seu ódio era ostensivo, cheio de uma fria resignação. Era piégas falar isto, mas naquele tempo – havia menos de vinte anos –, existia algo diferente. Mais esperança, talvez. Difícil dizer.

Como se lesse seus pensamentos, Brenda comentou:

– Eu não jogaria mais aqui.

Myron assentiu.

– Não era fácil para você, era? Vir jogar aqui?

– Seu pai facilitava as coisas – explicou ele.

Ela sorriu.

– Nunca entendi por que ele gostou tanto de você. Normalmente odiava os brancos.

Myron fingiu surpresa.

– Eu sou branco?

Os dois deram um riso forçado. Myron tentou mais uma vez:

– Me fale das ameaças.

Brenda olhou pela janela. Eles passaram por um lugar que vendia calotas. Centenas, talvez milhares delas brilhavam ao sol. Pensando bem, era um negócio esquisito. As pessoas só precisam de calotas quando são roubadas. As roubadas vão parar num local como aquele. Um miniciclo financeiro.

– Recebi ligações – principiou ela. – A maioria, à noite. Certa vez disseram que iriam me machucar se não achassem meu pai. Depois, falaram que meu pai deveria continuar como meu agente, senão... – Brenda se interrompeu.

– Tem alguma ideia de quem são?

– Não.

– Tem alguma ideia do motivo para alguém querer encontrar seu pai?

– Não.

– Ou da razão para seu pai desaparecer?

Ela negou.

– Norm comentou que um carro estava seguindo você.

– Não sei de nada.

– A voz ao telefone – falou Myron. – É sempre a mesma?

– Acho que não.

– Homem ou mulher?

– Homem.

Myron assentiu.

– Horace está metido com jogo?

– Não. Meu avô jogava. Perdeu tudo o que tinha, e não era muito. Meu pai nunca chegaria perto disso.

– Ele pegava dinheiro emprestado?

– Não.

– Tem certeza? Mesmo com ajuda financeira, seus estudos tinham um custo.

– Eu sou bolsista desde os 12 anos.

Mais adiante, um homem cambaleava na calçada. Estava com uma cueca Calvin Klein, duas botas de esqui diferentes e um daqueles chapelões russos de pele. Nada mais. Nem camisa, nem calça. Ele segurava a boca de um saco de papel pardo como se o ajudasse a atravessar a rua.

– Quando os telefonemas começaram? – perguntou Myron.

– Há uma semana.

– Logo que seu pai desapareceu?

Brenda anuiu. Ela tinha mais a dizer; dava para perceber pela maneira como desviou o olhar. Myron ficou calado e aguardou que ela continuasse.

– Na primeira vez – falou ela em voz baixa –, me mandaram ligar para minha mãe.

Myron esperou que Brenda prosseguisse. Em vão.

– Você ligou?

Ela deu um sorriso triste.

– Não.

– Onde sua mãe mora?

– Não sei. Não a vejo desde os 5 anos.

– Como assim?

– É isso mesmo que você entendeu. Ela nos abandonou faz vinte anos. – Brenda se virou para ele. – Você parece surpreso.

– Estou mesmo.

– Por quê? Sabe quantos daqueles meninos lá atrás foram abandonados pelos pais? Você acha que uma mãe não pode fazer a mesma coisa?

Brenda tinha razão, mas aquilo parecia mais racionalização vazia que verdadeira convicção.

– Quer dizer que você não a vê há bastante tempo?

– Sim.

– Você tem ideia de onde ela possa estar morando? Cidade, estado, alguma coisa?

– Não – respondeu ela, se esforçando para parecer indiferente.

– Você não teve nenhum contato com ela?

– Só algumas cartas.

– Nenhum endereço de remetente?

– Elas são postadas em Nova York. É só o que sei.

– Será que Horace sabe onde ela mora?

– Não. Ele nunca mencionou o nome dela nos últimos vinte anos.

– Pelo menos não para você.

Ela assentiu.

– Talvez a voz no telefone não se referisse a sua mãe – arriscou Myron. – Você tem madrasta? Seu pai voltou a se casar ou vive com alguém?

– Não. Desde que minha mãe se foi, não houve mais ninguém.

Silêncio.

– Então por que alguém iria falar de sua mãe? – perguntou Myron.

– Não sei.

– Não tem a menor ideia?

– Não. Durante vinte anos, ela não passou de um fantasma para mim. – Brenda apontou para a frente. – Entre à esquerda.

– Você se importa se eu grampear seu telefone? Para o caso de ligarem de novo?

Ela balançou a cabeça e continuou a orientar Myron.

– Me fale de seu relacionamento com Horace – pediu ele.

– Não.

– Não estou querendo bisbilhotar...

– Isso é irrelevante, Myron. Independentemente de eu gostar ou não dele, ainda assim você precisa encontrá-lo.

– Você conseguiu uma ordem de restrição para mantê-lo longe de você, certo?

Por um instante, ela ficou calada, mas por fim indagou:

– Você lembra como ele era na quadra?

Myron aquiesceu.

- Um louco. E talvez o melhor professor que tive.
- E o mais impetuoso?
- Sim. Ele me ensinou a não jogar com muita finesse. Nem sempre era fácil seguir essa lição.
- Certo, e você era apenas um menino por quem ele se afeiçoou. Mas imagine ser seu filho único. Imagine essa impetuosidade da quadra somada ao medo de me perder. Ao medo de que eu fugisse e o abandonasse.
- Como sua mãe.
- Isso mesmo.
- Seria algo arrasador.
- “Sufocante” seria a palavra certa – corrigiu ela. – Três semanas atrás, estávamos promovendo amistosos no East Orange High School. Você conhece?
- Claro.
- Uns caras na multidão queriam aprontar uma arruaça. Dois alunos. Eram do time de basquete. Estavam bêbados ou chapados, ou talvez fossem punks. Não sei. Mas começaram a gritar coisas para mim.
- Que tipo de coisas?
- Indecências e coisas horríveis. Sobre o que eles queriam fazer comigo. Meu pai se levantou e foi atrás deles.
- Não o censuro por isso – comentou Myron.
- Ela balançou a cabeça.
- Então você é mais um Neanderthal.
- O quê?
- Para que ir atrás deles? Para defender a minha honra? Sou uma mulher de 25 anos. Não preciso de nenhuma dessas bobagens cavalheirescas.
- Mas...
- “Mas” coisa nenhuma. Essa história toda, você estar aqui... Não sou uma feminista radical nem nada, mas é só sexismo.
- Ahn?
- Se eu tivesse um pênis, você não estaria aqui. Se meu nome fosse Leroy e eu tivesse recebido algumas ligações esquisitas, você não estaria tão ansioso para me proteger, estaria?
- Myron hesitou.
- Além do mais, quantas vezes você me viu jogar?
- A mudança de assunto o pegou desprevenido.
- O quê?
- Eu fui a jogadora número um por três anos seguidos. Minha equipe

ganhou dois campeonatos nacionais. Estávamos na ESPN o tempo todo e, durante as finais do torneio nacional, na CBS. Fui para a Reston University, que fica a apenas meia hora de onde moramos. Quantos jogos meus você viu?

Myron abriu e fechou a boca, sem falar nada. Por fim, respondeu:

– Nenhum.

– Certo. Basquete de donzelas. Uma perda de tempo.

– Não é isso. Não tenho mais acompanhado esportes nos últimos tempos – alegou Myron, percebendo que não fora nada convincente.

Ela balançou a cabeça e permaneceu muda.

– Brenda...

– Esqueça. Foi besteira minha tocar nesse assunto.

O tom dela dava pouca margem para que a conversa continuasse. Myron queria se defender, mas não sabia como. Ele optou pelo silêncio, algo que deveria fazer com mais frequência.

– Entre na próxima à direita – orientou ela.

– E o que houve depois? – perguntou ele.

Brenda lhe lançou um olhar interrogativo.

– Com os dois punks que insultaram você.

– Os seguranças intervieram, evitando que algo grave acontecesse. Eles puseram os caras para fora do colégio. E meu pai também.

– Não tenho certeza se entendi bem o significado dessa história.

– Ainda não acabou. – Brenda fez uma pausa, abaixou a cabeça, parecendo reunir forças, e tornou a erguê-la. – Três dias depois, os dois garotos, Clay Jackson e Arthur Harris, foram encontrados no terraço do edifício de um conjunto habitacional. Alguém os amarrara e cortara seus tendões de aquiles com uma tesoura de poda.

Myron empalideceu, sentindo um nó no estômago.

– Seu pai?

Brenda assentiu.

– Ele fez coisas desse tipo durante toda a minha vida. Nunca uma tão brutal. Mas sempre se vingou de pessoas que ficaram no meu caminho. Quando eu era uma criança sem mãe, a proteção até era bem-vinda. Só que já estou bem crescida.

Inconscientemente, Myron tocou o próprio tornozelo. Cortar o tendão de aquiles. Com uma tesoura de poda. Ele tentou não parecer tão impressionado.

– A polícia deve ter suspeitado de Horace.

– Sim.

– Por que ele não foi preso?

– Não havia provas suficientes.

– As vítimas não poderiam identificá-lo?

Brenda voltou-se de novo para a janela.

– Elas estavam apavoradas demais. – Ela apontou para a direita. – Pare ali.

Myron estacionou. As pessoas andavam na rua a passos vacilantes e o olhavam como se nunca tivessem visto um homem branco; naquele bairro, aquilo era perfeitamente possível. Myron tentou parecer indiferente. Balançou a cabeça, num cumprimento. Só alguns retribuíram.

Um carro amarelo – aliás, um alto-falante sobre rodas – passou por eles tocando rap no volume máximo. O grave estava tão potente que Myron sentia as vibrações no próprio peito. Ele não conseguia entender a letra, mas, pelo tom, parecia raivosa. Brenda conduziu-o à entrada de um edifício. Dois homens estavam esparramados na escada como feridos de guerra. Brenda passou por cima deles sem hesitar. Myron a seguiu. De repente, ele se deu conta de que nunca havia estado ali antes. Seu relacionamento com Horace se limitara ao basquete. Os dois sempre passavam o tempo na quadra do bairro, num ginásio ou às vezes comendo pizza depois de um jogo. Um nunca tinha ido à casa do outro.

Não havia porteiro, fechaduras, campainhas, nada disso. O corredor era mal-iluminado, mas podia-se ver a pintura descascando das paredes. A maioria das caixas de correio não tinha portas.

Brenda subiu as escadas de cimento com corrimão de metal industrial. Myron ouviu um homem tossindo como se fosse botar os bofes para fora. Dois bebês choravam. Brenda dobrou à direita no segundo andar. As chaves já estavam em sua mão. A porta era feita de um tipo de aço reforçado e tinha um olho mágico.

Primeiro, os três ferrolhos foram abertos, provocando um ruído alto que lembrou a Myron celas de presídio. A porta se abriu. Myron foi impactado de imediato pela beleza da residência. Horace não deixara que a imundície e a podridão das ruas e do corredor do edifício se insinuassem ali dentro. As paredes eram de um branco impecável. O assoalho dava a impressão de ter sido recentemente polido. A mobília parecia uma combinação de peças de famílias tradicionais e de lojas chiques. Tratava-se de uma casa bastante confortável.

Além disso, Myron logo notou que alguém virara a sala de pernas para o ar.

Brenda precipitou-se para dentro.

– Pai?

Myron a seguiu, desejando estar armado. Ele faria sinal para que ela ficasse imóvel e quieta, sacaria a arma, lhe pediria que se mantivesse atrás dele, entraria em silêncio no apartamento, com ela agarrada ao seu braço livre, morrendo de medo. Ele apontaria a pistola para dentro de cada cômodo, o corpo curvado e preparado para o pior. Mas Myron normalmente não andava armado. Não que ele não gostasse de armas, mas uma arma é um objeto volumoso que esfolia a pele como uma camisinha de tweed. E, convenhamos, para a maioria dos clientes, um agente armado não inspira confiança. Se inspirasse, Myron preferiria não trabalhar com essas pessoas.

Win, por sua vez, sempre andava com pelo menos duas armas, para não falar de outros apetrechos. Ele parecia um terrorista.

Eles percorreram os quatro aposentos às pressas. Ninguém. E nenhum corpo.

– Está faltando alguma coisa? – perguntou Myron.

Ela o olhou irritada.

– Como é que eu vou saber?

– Quer dizer, alguma coisa notável. A televisão está aqui. O DVD player também. Eu quero saber se você acha que foi um roubo.

Brenda deu uma olhada na sala de estar.

– Não. Acho que não.

– Tem ideia de quem fez isso e por quê?

Brenda balançou a cabeça, ainda observando a bagunça.

– Horace escondia dinheiro em algum lugar? Num pote de biscoitos, sob uma tábua do assoalho ou algo assim?

– Não.

Eles começaram a verificação pelo quarto de Horace. Brenda abriu o armário. Ela ficou parada, em silêncio.

– Brenda?

– Estão faltando muitas roupas – disse ela em voz baixa. – A mala dele também.

– Isso é bom sinal – confortou Myron. – Significa que provavelmente ele fugiu; torna mais improvável um assassinato.

Ela assentiu.

– Mas é horrível.

– Como assim?

– Exatamente como minha mãe. Ainda me lembro de meu pai parado aqui, olhando os cabides vazios.

Os dois voltaram para a sala, depois entraram num pequeno cômodo.

– Seu quarto? – perguntou Myron.

– Não passo muito tempo aqui, mas, sim, este é meu quarto.

Os olhos de Brenda se fixaram num ponto perto da mesinha de cabeceira. Ela arquejou, se jogou no chão e começou a remexer seus pertences.

– Brenda?

Ela se pôs a vasculhar com mais sofreguidão, os olhos afogueados. Após alguns minutos, levantou-se e correu para o quarto do pai. Depois para a sala de estar. Myron ficou apenas observando.

– Elas sumiram – afirmou ela.

– O quê?

Brenda o fitou.

– As cartas que minha mãe escreveu para mim. Alguém as levou.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br